GRAMACHO DAS ANTIGAS
DEZEMBRO/24
EDIÇÃO Nº 01

SÃO SEBASTIÃO, HÁ 60 ANOS SURGE A PARÓQUIA DO GRAMACHO

Foto: Acervo Roberto Aires

Em 1° de maio de 1964, Dom Manuel da Cunha Cintra, bispo de Petrópolis, lavrou o decreto de criação da nova Paróquia São Sebastião, de Gramacho, constituída de territórios antes pertencentes às paróquias Santo Antônio (Centro de Duque de Caxias) e Imaculada Conceição (Vila São Luís). Assim, a Capela São Sebastião, perto da estação de Gramacho, de 1963, seria elevada à categoria de Igreja Matriz da nova Paróquia que teria o mesmo padroeiro daquela Capela. Para primeiro pároco, o bispo nomeou o padre espanhol Angelo Barcelona, que era vice-reitor do Seminário de Petrópolis. Ele sairia em outubro de 1967, e o atendimento seria feito pelos frades franciscanos até a chegada dos primeiros missionários italianos em 30 de março 1969: Padres Lino Bottin, Giuseppe Marivo ("José") e Luciano Ferrari.

A Igreja Matriz, de Madeira

A "Igreja de Madeira", templo erguido na primeira metade década de 60 situado na praça próxima à estação ferroviária de Gramacho, ilustra a nossa capa por permanecer, tantos anos após sua demolição, no imaginário coletivo e afetivo do bairro. Ali aconteceu uma infinidade de eventos – missas, festas, casamentos, batizados, primeiras comunhões, crismas, encontros, reuniões e diversos tipos de atividades. Ela deixaria de funcionar como Matriz em 19 de novembro de 1978 (após essa data se iniciaria a demolição), quando Dom Manoel da Cunha Cintra, bispo de Petrópolis, presidiu a Missa de Crisma na parte térrea da nova Igreja Matriz erguida na Avenida General Rondon, ainda em construção, cujos terrenos haviam sido adquiridos em 1974.

Diante do crescimento populacional acelerado de Gramacho e seus loteamentos (Vilas Leopoldina I, II, III, IV e V, Vila Guaíra, Vila Sarapuí, Jardim Leal etc.), havia um atendimento pastoral muito deficiente: uma pequena capela erguida, no final da década de 50, no alto do morro da rua Boa Sorte; a pequena capela próxima à estação ferroviária de Gramacho, fruto da mobilização do líder comunitário Melquíades Silva e muitos amigos. Também havia duas pequenas capelas em bairros próximos: Sagrada Família (no Parque Fluminense, de 1963) e São José Operário (na Vila São José, de 1964). Dom Manoel agregou-as para formar a nova Paróquia São Sebastião, cujo atual pároco é o Padre Benedito Zanobia, sacerdote diocesano.

Fonte: Memorial dos 40 anos da Paróquia São Sebastião, de 2004. Transcrição do Site: www.paroquiagramacho.hpgvip.com.br/paroquia.htm, acesso em 2004.

PADRE ANGELO, AO CENTRO, COM EX-PAROQUIANOS DE GRAMACHO, DÉCADA DE 90

Foto: Josias Jerônimo da Silva

Foto: Acervo Roberto Aires

O NAVIO DA RUA IRAJÁ

"Navio" na esquina da rua Irajá

Praça da Bíblia, local do antigo "Navio"

Por algumas décadas, um prédio de arquitetura inusitada marcou a antiga Avenida Presidente Kennedy, em Gramacho, na altura da rua Irajá (que quase ninguém chama pelo nome atual de Iracema de Alencar). Uma estrutura – imagine! – em forma de embarcação, com proa, popa, convés e cabine de tijolos e cimento, tendo por tripulantes os inquilinos! E surgiriam lendas, como aquela de que seu construtor seria um imigrante português que vindo para o Brasil, atravessando o oceano, decidira manifestar a saudade da embarcação naquela obra. Mas, afinal, como foi construído o imóvel e quem foi o "Capitão do Navio da rua Irajá"?

O "Capitão" Moacyr

O emblemático prédio, popularmente chamado de "Navio", foi construído na década de 60 por um gramachense visionário, o saudoso animador cultural Moacyr da Rocha Pita, migrante pernambucano, que, infelizmente, não teve condições de dar o acabamento sonhado ao imóvel e em fazê-lo uma referência para o bairro.

Moacyr era um visionário, uma pessoa cheia de esperanças e atuante em prol do desenvolvimento do bairro. Misto de empreendedor e animador cultural, ele foi comerciante e pequeno empresário, dono de bar e de uma fábrica de móveis. Depois investiu em um parque de diversões. Chegou a montar uma pequena sala de exibição de filmes - um modesto cinema - que ficava na antiga Estrada Rio-Petrópolis (depois Avenida Presidente Kennedy). Após a inauguração do Cine Garcia (depois Santa Rosa), em 1952, o cine do Moacyr e as outras salas de exibição do bairro encerrariam, paulatinamente, suas atividades.

José Gammaro (Kalu) recorda, ainda, que em seu tempo de criança na rua Irajá, o "Capitão" construiu um palco entre o "Navio" e a Avenida Presidente Kennedy onde se apresentavam artistas do bairro, se encenavam peças de teatros etc... Lembra, ainda, que em frente ao "Navio" ele instalou um parque de diversões, e que ali era um local de entretenimento. Ele enfatiza, que Seu Moacyr e família "eram amigos de todos e gente da melhor qualidade, muito queridos na localidade". O "Navio", segundo ele, seria uma forma de elevar a autoestima de toda aquela comunidade.

Construção e demolição do "Navio"

Alexandre Pita, neto do Moacyr, relata memória de seu pai sobre a construção do prédio: "O navio inicialmente era uma casa simples e o bar de meu avô. Com o passar dos anos, meu avô foi aumentando a construção até que chegou no emblemático prédio em forma de navio". Outro testemunho é do José Gammaro (Kalu), vizinho do Moacyr na época: "Era uma avenida de casas e, depois,ele foi emendando umas nas outras após decisão de dar ao conjunto a forma de navio".

Alegando razões "estéticas", diversos moradores pediram ao prefeito Zito, em um comício, a demolição do imóvel, o que seria atendido em sua gestão, em 1998. Imaginem se a moda pega! Após diversos anos sem destinação definida, em seu lugar, no terreno da esquina da rua Irajá com a Avenida Presidente Kennedy (atual Governador Leonel de Moura Brizola) seria construída a Praça da Bíblia, inaugurada em 15.07.16. Local esse, quase sempre sem uso, no qual moradores reivindicam uma quadra de esportes. Moacyr, falecido na década de 80, não teve o dissabor de ver a demolição de seu imóvel, sonho de uma vida, do qual foi o único "capitão".

História de uma foto

A bela foto do "Navio da rua Irajá" tem história. No dia exato da demolição, com o trator posicionado em frente ao prédio, um morador do bairro, o saudoso Giovanni Gomes, sentiu a consciência histórica de registrar para a posteridade aquele importante prédio e o momento, e contratou o mais conhecido fotógrafo profissional do bairro: o Josias Jerônimo da Silva. O que foi feito. Naquele mesmo ano, Josias Fotógrafo faleceria. A foto pertence ao Acervo Juaci Martins, viúva do Giovanni.

Foto: Acervo Família Pita

MOACYR DA ROCHA PITA, O "CAPITÃO DO NAVIO"

Foto: Acervo Roberto Aires

ESPORTE CLUB CANTAGALO - MEIO SÉCULO DE HISTÓRIA E SAUDADE (1972-1977)

Na foto acima, *de 1974, da esquerda para a direita, em pé: Élcio, Paulo César, Celso Neguinho, Bel, Pascoal, (...), Marquinho e o presidente Aires Macedo. Agachados: Branco, Augusto, Paulão, Pantera, (...), Rivaldo e o auxiliar técnico Roberto Aires.*

O Esporte Club Cantagalo (ECC) surgiu em 1972 como uma brincadeira de jovens – um time de pelada de futebol - da rua do mesmo nome, atual Joaquim José Soares, em Gramacho. Ele cresceu, passou a usar chuteiras, e criou uma fraternidade que encantou e fez com que pessoas de outros bairros para cá se deslocassem semanalmente para seus três times. E o ECC, participando de torneios e campeonatos, pelos campos de futebol de diversos bairros do município, entrou na memória coletiva não só de Gramacho, mas também de diversas localidades da Baixada Fluminense.

Escolinha - Infanto

Projeto. O plano de criação do time infanto de Escolinha (entre 12 e 15 anos) começou a deslanchar em 1974. Naquele ano, o presidente do Esporte Club Cantagalo, Aires Macedo, assumindo sugestões de outros membros do clube, contatou seu filho e um amigo dele, os jovens **Roberto Aires e Accácio Teixeira**, para o projeto do time de Escolinha. A primeira providência foi a compra de material esportivo (camisas amarelas e calções verdes) em loja de materiais esportivos do Centro do Rio (Casa Caça e Pesca, Avenida Marechal Floriano). Luís Fernando Pinto (+) e seu pai, Manoel Lourenço (+), fizeram os contatos com o SESI para nossa participação no certame promovido por aquela entidade.

Time. Posteriormente, passou-se à montagem da equipe, que precisava ser competitiva. Na fase inicial fizeram parte alguns adolescentes da rua, tais como o zagueiro Paulo Roberto ("Paulão"), o meio-campo Robson Alcântara, e o goleiro Bel. Depois, foram convidados garotos que se destacavam nos campos de futebol da época: o saudoso ponta de lança Pascoal (+), o maior craque da história da Escolinha e seus amigos Paulo César (meio-campo), Alfredo (lateral esquerdo "Índio"), Agnaldo (lateral direito "Dentinho"), e os armadores Osman e Nilson, todos do Gramacho. Do Olavo Bilac, chegaram o excelente centro-avante Celso Neguinho e seus amigos Augusto e Pantera. Da Vila Guaíra e arredores vieram o armador Clebinho (+), o meio-campista Wilson e o veloz ponta direita Fernandinho. Tentém, de outro bairro, zagueiro, foi convidado e seria integrado à equipe. Esses são alguns dos nomes.

Em ação! A estreia de nossa Escolinha foi contra o time do Lane Rossi, com vitória dos meninos do Cantagalo. O time do ECC participaria de torneios oficiais organizados pelo SESI e de muitas partidas amistosas pelo município e enfrentaria muitas equipes (Mug, Palmeirinha, Lane Rossi, Portuguesa, Brasil, Guaíra etc.). A Escolinha do ECC contou com a colaboração de muita gente: do Accácio Teixeira em sua fase inicial, que depois se integraria ao time do Segundo Quadro; e dos saudosos **Tadeu** (+) **e Manoel Bonifácio** (+) - "Manoel Preto" - técnicos, o primeiro na fase inicial. Roberto Aires era o auxiliar-técnico, responsável pelo material e recrutamento de atletas. Em 1977, com o declínio do futebol de várzea, a Escolinha, juntamente com os demais times do clube, encerraria suas atividades.

EQUIPES DO SEGUNDO E PRIMEIRO QUADROS

Campo do Santo Antônio F.C. - Rua Entre Rios - Gramacho

Campo do Capivari F.C. - Capivari

Segundo Quadro, Vice-Campeão! Nos campeonatos da época, os jogos dos times de adultos eram realizados nas tardes de domingo. E eram duas partidas: a de 14h às 16h, para os times do chamado Segundo Quadro. E de 16h às 18h para os do Primeiro. O Segundo Quadro do Esporte Club Cantagalo (ECC) sempre foi um time competitivo, até pela experiência que obtida nas partidas de "pelada" (isto é, sem chuteiras). Em 1975, o Segundo Quadro, sob a direção do saudoso Benedito Ferreira (que mais tarde fundaria a Quadrilha Junina Boa Vizinhança), conseguiu a segunda colocação no Torneio da Amizade, que reunia times de diversos bairros do município, Dentre outros técnicos da equipe, destacamos o Geraldinho Mecânico.

Equipe. Muitos jogadores tiveram longa participação na equipe: o Ivo (que encantava com seus fortes chutes a gol de letra), o Luís Moraes (+) com potentes chutes de direita, os irmãos Damião e Paulinho (+), o Adelson Alcântara (Pezão), o zaqueiro Paulo André (Azul), os irmãos Beto e Antonio (Fonseca), o meio-campista Ademir, todos moradores da rua, além do Ademir, sobrinho do Oto, um dos diretores do clube. Eles convidariam seus amigos: Edílson (capaz de lançamentos de 30 a 40 metros!); o goleiro Viana; os zagueiros César Soares (o Berruga, sobrinho da Dirce) e Jorge Mecânico (+), irmão do Geraldinho; o lateral Félix; os atacantes Betinho e Padeirinho; e os goleiros Sílvio, Luís Figura e Luisinho Fonseca, dentre outros. O esporte consolidaria pelas décadas seguintes as amizades de todos eles.

O PRIMEIRO QUADRO, ENTRE OS LEÕES!

O chamado Primeiro Quadro, partidas dominicais de 16h às 18h, reunia a chamada elite dos times, teoricamente os melhores jogadores. Dizemos teoricamente, porque alguns clubes estrategicamente competiam com os melhores jogadores no Segundo Quadro. Foi um desafio para o Esporte Club Cantagalo participar com dois times competitivos de adultos. Dentre os atletas locais estavam o vigoroso zagueiro Valentino (Tchielo), o elegante meio-campista Jorge Seixas, os irmãos Eucir (lateral esquerdo) e Lica (meio-campo), o ponta-esquerda Luís Fernando Pinto (que às vezes atuava como goleiro).

E era difícil recrutar atletas no bairro e adjacências, porque havia diversos clubes e times - Gramacho, Santo Antônio, Estrela, Ypiranga, Independente, Leal, Embalo, Laranjeiras, Vila Guaíra, Copo Cheio, Alvaceles, Cruz de Malta, Laranjeira, Fronteira, Jardim Elizabeth, Vila Pauline, Oriente, Huracan, São Bento etc.). A solução seria implementada pelo Luís Fernando Pinto juntamente com seu pai, Manoel Lourenço: convidar um grupo de atletas que fazia parte de um time do bairro Itatiaia e que se integraria plenamente: o zagueiro Tim Maia, os atacantes Alcinei e Neguinho, e outros. Vieram também o zagueiro Branco, que depois seria técnico. O Primeiro Quadro cumpriu com louvor seu papel no esporte da Baixada Fluminense.

Foto: Acervo Roberto Aires

AO CENTRO, COM A BANDEIRA, O TÉCNICO BENEDITO FERREIRA, DO SEGUNDO QUADRO, VICE-CAMPEÃO DO TORNEIO DA AMIZADE 1975

SEDE, 1973

Foto: Acervo Roberto Aires

BANDEIRA

Foto: Hebert Tomazine

ESPORTE CLUB CANTAGALO

Sede – A vida e o coração do clube era, lógico, a rua Cantagalo. Havia um cômodo na residência do Aires Macêdo, na rua Cantagalo, 210, que foi disponibilizado gratuitamente por anos para o Clube. Ali ficavam guardadas as chuteiras, bolas, os diversos jogos de uniformes, material de pronto-socorro, bandeira etc. Aos domingos a movimentação era intensa, de manhã e à tarde. O ponto de retorno era a barraca do Sr. Manoel (+). O Club chegou a conseguir a posse de um terreno para construir sua Sede na rua, em frente à Escola Barão do Rio Branco; chegou-se até a colocar faixa lá. Mas, com o encerramento das atividades dos times, o Clube fechou e não houve interesse em ocupar o local.

Torcida – Uma característica do E.C.Cantagalo desde o início era ter uma torcida apaixonada que incentivava suas equipes. O Osmar Seixas, o **Salazar**, o mais inflamado, conseguia desestabilizar os adversários; ele levava membros da família, lembramos da Graça e do Marcos. Mas havia também a simpática Márcia; o Alvinho (+); o Manoel da Barraca; o Altamiro; o Carlinhos; crianças como o Edinho Rocha; o Eraldo Braga (irmão dos atletas Edilson, Lica e Eucir); o Wilson Cantagalo, os irmãos Diôu e Preto, os amigos **Oto** e Alacrino, e muitos amigos e parentes dos jogadores e moradores da rua. Uma cena ato era de praxe: o Roberto Aires percorrendo o campo com a bandeira do Cantagalo desfraldada!

Bandeira – A bandeira do E. C. Cantagalo foi uma encomenda da Diretoria para dar maior visibilidade ao Clube. A concepção (conceito, cores verde e amarela, galo estilizado, logotipo) foi do então tesoureiro José Augusto Pinto, o **Guto** (irmão do saudoso **Luís Fernando** e filho do **Manoelzinho**). Mede 130cm de largura em 88cm de altura. A bandeira está sob a guarda há meio século com Roberto Aires. A confecção ficou a cargo da Sra. Josefa Silva (+), esposa do Sr. Manoel Paulo (+), que eram parentes da esposa do Sr. Aires Macedo e moravam no Parque Lafaiete. Aliás, todo o material esportivo ficava aos cuidados da Dona Zefa (+), esposa do Aires.

Rainha da Primavera – Nos primeiros anos, a Diretoria do Esporte Club Cantagalo concentrou esforços para dar maior divulgação à agremiação. Esse foi o motivo para participar do concorrido concurso, promovido pelo E.C. Gramacho, da Rainha e Princesa da Primavera. Eram eleitas as que vendessem o maior número de bilhetes. Tânia Alcântara (filha do José Alcântara, que depois se casaria com o atleta Jorge Seixas) foi eleita a Princesa da Primavera representando o Cantagalo!

Campo – O Esporte Club Cantagalo não chegou a ter um campo seu. Não precisava: havia diversos deles na década de 70 na várzea ("guacha") próxima ao rio Sarapuí. Quando o mando de campo era do ECC, os gramados eram alugados, de preferência os do Santo Antônio F.C. e Estrela F.C. (na atual rua Entre Rios). E também o grande campo do Independente F.C. (que ficava próximo à Praça da Amajal. Houve um projeto, que não foi levado adiante, do E.C. Cantagalo assumir o campo do Estrela F.C.

Bailes – O E.C. Cantagalo, em seu início, tinha o projeto de dar vida social e chegou a realizar um grande evento noturno estilo "discoteque" na laje da residência do presidente Aires. A renda foi para aquisição de materiais esportivos. Com o tempo, o foco passou a ser exclusivamente o futebol.

Jornal "O Galo do Dia" – O ECC possuía um diferencial: era o único clube que tinha jornal semanal, mimeografado, com tiragem de 50 a 100 exemplares, que acompanhava todos os jogos semanais das três equipes. A fundação ficou a cargo dos jovens **Roberto Aires** e **Accácio Teixeira**. Posteriormente, Roberto, que se formaria em Jornalismo, assumiria toda a atividade.

Foto: Acervo Roberto Aires

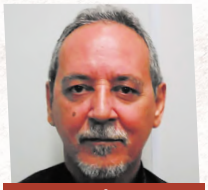
MANOELZINHO E LUÍS FERNANDO (À ESQ.)

Foto: Acervo Adelson Alcântara

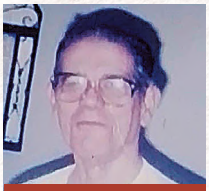
SEGUNDO QUADRO. E UM CIRCO ATRÁS...

Foto: Acervo Roberto Aires

ROBERTO AIRES E A INSEPARÁVEL BANDEIRA

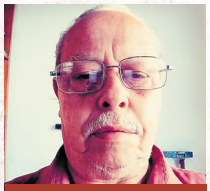


ACCÁCIO



SALAZAR

OTO



GUTO

APÓS A PARTIDA AMISTOSA DOS PRIMEIROS QUADROS DO CANTAGALO X CAPIVARI, O JORNALISTA ROSMARIN DE SOUZA, DA "FOLHA DA CIDADE", ENTREGA AO CAPITÃO DO CAPIVARI A TAÇA DE CAMPEÃO DO TORNEIO DA AMIZADE, DE 1975. PARTIDA NO CAMPO DO TIME ANFITRIÃO

Foto: Acervo Roberto Aires

Logística – Hoje, nos impressionamos com a logística que era, naqueles tempos, o transporte de três equipes aos domingos para dois locais diferentes. A Escolinha participava do Campeonato do SESI e os times do Primeiro e Segundo Quadros iam para os campos dos clubes do Torneio da Amizade. Naqueles tempos, era permitido o transporte de pessoas em caminhões, veículos comumente alugados pelo ECC quando o campo era distante. Nos campos próximos, o deslocamento era a pé. Havia um ônibus, do Sarapuí, que às vezes, também, fazia o transporte.

OSA, O GRANDE EVENTO

O início do time do Cantagalo como uma equipe "oficial", de chuteiras (não mais descalços), foi em 1974. E foi em grande estilo. Pasmem! Um dia inteiro com partidas de manhã até ao final da tarde no bairro Taquara, bairro do terceiro distrito de Duque de Caxias. Foram cinco times! Cinco partidas: Escolinha, Juvenil, Veteranos e à tarde o Segundo e Primeiro Quadros. Aquele dia memorável permanece vivo, meio século depois em quem a viveu: veículos particulares, kombis, caminhão, um número grande de pessoas, muito mais de cem! O clima foi de acolhida pelo time adversário e de grande cordialidade. A partida foi agendada pelo Manoelzinho Lourenço, criador e organizador do Torneio da Amizade.

Foto: Acervo Adelson Alcântara

CAMPO DO OSA, EM TAQUARA - DUQUE DE CAXIAS, TIME DO SEGUNDO QUADRO, EM 1974

OS FUNDADORES E DIRETORES

A diretoria do E. C. Cantagalo era composta por moradores da rua, fundadores, escolhidos por aclamação: o português Aires Macêdo, presidente. O Sr. Oto, vice. A tesouraria e a direção de esportes a cargo, respectivamente, dos irmãos José Augusto (Guto) e Luís Fernando. As reuniões eram realizadas na residência do José Alcântara, pai dos atletas Adelson e Robson. Participavam também o técnico Benedito Ferreira, o atleta Accácio Teixeira e o Roberto Aires.

CONCLUSÃO

Através do recorte da história do E. C. Cantagalo é possível vislumbrar a pujança da vida social e esportiva do município de Duque de Caxias, notadamente Gramacho e adjacências. A extinção em massa dos campos de várzea foi fruto da omissão e equívoco do poder público. Omisso, ao não proteger aqueles espaços comunitários, vítimas da urbanização desenfreada, permitindo que fossem exterminados e esfacelados em lotes para venda. E equivocado, ao desprezar sua importância social, construindo, em muitos deles, escolas ou praças, quando havia, décadas atrás, a opção de muitos terrenos baldios próximos. Resta-nos, agora, resgatar e celebrar essa pequena grande história.

Foto: Acervo Paulo Roberto Morais dos Reis

AIRES MACEDO, JOSÉ ALCANTARA, BENEDITO FERREIRA E LOURIVAL DOS REIS. ANOS 70

Fotos: Acervo Roberto Aires

ASSIM SE PASSARAM 25 ANOS...

JUBILEU DE PRATA DA COMUNIDADE SÃO PAULO APÓSTOLO

Pe. Pedro Bracelli e Roberto Aires com a pedra fundamental - 1999

Igreja São Paulo Apóstolo - Gramacho - 2024

Na noite de 25 de janeiro de 1999, uma procissão, após a missa presidida pelo pároco Pe. Pedro Bracelli, saía da Igreja Sagrado Coração de Jesus, descia a rua Boa Sorte e seguia pela Avenida Darcy Vargas em direção ao terreno da Avenida Rio Branco, 1649, onde seria lançada a pedra fundamental da futura Igreja. Ali estavam, lado a lado, o pároco e o idealizador e fundador da Comunidade Paulo Apóstolo, o agente de pastoral e agente comunitário Roberto Aires. E, assim passaram-se vinte e cinco anos.

Primórdios

A posse da Comissão da Pró-Comunidade Paulo Apóstolo deu-se naquela missa de 1999, sendo constituída por Roberto Aires e amigos convidados por ele: Edir Rocha, Edith Pena, Ester Pena, Oneida Berbereia e João Guerra. E mais gente foi se agregando com o tempo: Ydérzio, Janaína, Clóvis, Marli, Sérgio Babá, Myrthes, Fátima, Lúcia, Zeca e Margarida, Cláudia e Susi, Maria José, Elvira, Eduardo, Terezinha, Jorgina, Ilka, Lione, Verinha, Nilda... e muitos outros.

O início, porém, foi difícil. Em 1995, um loteamento novo em Gramacho estava em expansão, nos arredores antes alagadiços, próximos do entorno da Avenida Rio Branco - então um verdadeiro caminho de lamaçal chamado de "guacha". Roberto Aires que, na época, atuava na Igreja Sagrado Coração de Jesus, na rua Boa Sorte, vislumbrou, ali, o futuro do bairro. Ele solicitou e obtive do então pároco, o Padre Paulo de Oliveira, autorização por escrito para o trabalho de evangelização no local. Em gratidão, Roberto deu o nome de "São Paulo" à futura Comunidade, então, ainda um sonho só dele. O terreno na Avenida Rio Branco, 1649, seria adquirido em 1998 pelo Padre Pedro Bracelli, com recursos próprios desse novo pároco, que pediu a denominação "Paulo Apostolo".

Após um pequeno período de reuniões nas casas, o Sr. Edmilson Ribeiro fez a cessão gratuita de seu salão de pagode nas noites de segundas (depois terças) na rua Rio Preto. Enquanto isso, fazia-se campanhas financeiras (carnês, shows, festas, cantinas, donativos etc.) para dar continuidade às obras de aterro, de sapatas, cisterna, muros, grades, lajes, janelões e demais obras da Igreja). A nova Comunidade marcaria época com os eventos de louvor ("Abençoai" no Esporte Clube Gramacho, "Deus Quero Louvar-te" na praça e outros no Salão de Pagode) e as animadas Festas Caipiras, iniciadas em 2000.

O novo templo

A construção da Igreja Paulo Apóstolo foi toda ela realizada com recursos próprios, gerados pela própria Comunidade, sem necessidade de verbas externas, o que ilustra a grande mobilização popular. Em 2003, mesmo com a obra inacabada, as atividades da Comunidade foram transferidas do salão de pagode para lá. Dom José Francisco, então bispo de Duque de Caxias, fez a bênção da parte térrea da capela em 24.01.06. Enquanto isso, pensando no futuro, passou-se a construir o segundo andar.

Atualmente, o belo e espaçoso templo em estilo moderno, dois andares, torre com pedras decorativas e a imponente rosácea, domina e embeleza aquele trecho da Avenida Rio Branco, no Gramacho. Projeto do saudoso arquiteto Alfredo Paschoal, falecido em 2023, que o doou para a nova comunidade. E cálculo estrutural feito pelo engenheiro Luiz Galdino.

Esse importante jubileu, que resgatamos, quase passou despercebido pelo bairro. O pároco, desde 2015, é o Padre Lindenberg Freitas Muniz.

TERRENO ONDE FOI ERGUIDA A IGREJA SÃO PAULO APÓSTOLO

SOBRE O AUTOR

O jornalista Roberto Aires, nascido em 1958, é natural do Rio de Janeiro, mas sempre residiu em Gramacho, Duque de Caxias – RJ. Sua paixão pelo Jornalismo teve início em 1974 com a publicação do jornal mimeografado "O Galo do Dia", que circulava semanalmente e trazia notícias do Esporte Clube Cantagalo, saudosa agremiação esportiva gramachense.

Dentre suas formações acadêmicas, estão as graduações em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e em Ciências Religiosas (PUC-Rio).E as pós-graduações em Marketing de Serviços pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e Teologia em Diálogo (PUC-Rio).

Além de diversos boletins, fundou os jornais mensais "O Semeador" (década de 80) e "Milênio" (anos 2000), ambos da Paróquia São Sebastião, de Gramacho. Desde 2009, colabora com o jornal "Pilar", órgão oficial da Diocese de Duque de Caxias, onde é o jornalista responsável. Também jornalista responsável de diversas publicações comemorativas da Diocese de Duque de Caxias e da revista histórica "Redescobertas Fluminenses", fundada em 2023.

Nas redes sociais, administra as páginas do Complexo São Bento e do Grupo Escoteiro Tiradentes, do Facebook, e colabora com as da Paróquia São João Paulo II e Igreja São Paulo Apóstolo, ambas de Gramacho. Em 19.04.2024, criou o grupo "Gramacho das Antigas", também no Facebook, para o resgate da história do bairro e adjacências, atualmente com mais 8 mil membros.

Em 2024, funda a revista "Gramacho das Antigas – Histórias do bairro e arredores"

O site www.robertoaires.com.br disponibiliza gratuitamente edições virtuais das publicações em que atuou como jornalista responsável.

EDITORIAL

Nos últimos anos, cresce a preocupação pela recuperação das histórias das cidades e, mais recentemente, também das dos bairros, contribuindo, enormemente, para tal, as redes sociais, algumas com muita responsabilidade na fidelidade às fontes e à credibilidade histórica. Há alguns anos, tenho resgatado diversos episódios sobre a história do Gramacho e de seus arredores, porém, era uma iniciativa isolada, precisava do engajamento de mais colaboradores. Assim, em 19 de abril de 2024, fundei o grupo "Gramacho das Antigas", no Facebook, que rapidamente conquistou milhares de membros. A presente revista pretende dar um caráter de perenidade à iniciativa, abordando temas icônicos do bairro. Nesta edição constam: o Jubileu de Diamante da Paróquia de São Sebastião, do Gramacho; os 25 anos de fundação da Comunidade São Paulo Apóstolo, da Avenida Rio Branco; o emblemático "navio" da rua Irajá, de tantas lendas. E o encarte com a história completa do saudoso Esporte Clube Cantagalo. Boa leitura!

ENCOMENDAS E INFORMAÇÕES SOBRE A REVISTA GRAMACHO DAS ANTIGAS

E-mail: roberto.aireskk@gmail.com
WhatsApp: 9 9252-1674

Uma viagem virtual aos grandes tempos, eventos, personagens e amizades do Gramacho das Antigas e arredores.

Com esta publicação damos início a uma série que tem por objetivo resgatar pessoas, instituições e eventos que marcaram a história de nosso bairro. Ela tem início com o Esporte Club Cantagalo (1972-1977) que marcou época. Esta edição se insere no projeto do que se denomina, atualmente, de micro-histórias, que é o esforço de recuperar, atualizar e tornar perene as pequenas histórias das comunidades, que deságuam na grande História da Vida. Este impresso permitirá que a lembrança carinhosa de toda uma geração também ser partilhada por outros. **Pesquisa/Textos - Jornalista-Responsável** Roberto Aires (MTb 16714/RJ) 99252-1674 **Diagramação** Hebert Tomazine (heberttomazine.com / 98222-3645)